

China e Rússia firmam uma parceria sem limites

PARCERIA 'SEM LIMITES' Em Pequim, Xi e Putin lançam base ampla de colaboração diante de tensões com Ocidente

ANDRÉ DUCHIADE andraduchia@globo.com

Os presidentes da China, Xi Jinping, e da Rússia, Vladimir Putin, reuniram-se ontem em Pequim e deram uma exibição de unidade planejada em detalhes, classificando como "sem limites" a parceria entre os dois países...

países. A ambiguidade dos alvos da acusação é proposital, mas ela se dirige no mínimo aos Estados Unidos, à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e ao pacto militar firmado no ano passado entre Austrália, EUA e Reino Unido, o Aukus.

CRÍTICAS À EXPANSÃO DA OTAN

A declaração afirma-se contra a expansão da Otan, denuncia a formação de blocos de segurança na região da Ásia-Pacífico, faz declarações a favor do papel da ONU nas relações internacionais e se diz contra a "interferência em assuntos internos de países soberanos" e contra "revoluções coloridas", termo usado pela Rússia para classificar movimentos pró-democracia em suas áreas de influência.

"As partes opõem-se a uma maior expansão da Otan e apelam à Aliança do Atlântico Norte para que abandone as suas políticas com uma ideologia da Guerra Fria e respeito a soberania, a segurança e os interesses de outros países, a diversidade de seus padrões civilizacionais e histórico-culturais, e trate o desenvolvimento pacífico de outros Estados de forma objetiva e justa", diz o texto.

As novas relações interestatais entre Rússia e China são superiores às alianças políticas e militares da época da Guerra Fria. A amizade entre os dois Estados não tem limites, não há áreas 'proibidas' de cooperação, o reforço da cooperação estratégica bilateral não visa países terceiros nem é afetado pela mudança do ambiente internacional e pelas mudanças circunstanciais em países terceiros

Comunicado sino-russo após a reunião entre Xi e Putin

"Os lados pedem o estabelecimento de um novo tipo de relacionamento entre as potências mundiais com base no respeito mútuo, coexistência pacífica e cooperação mutua-

mente benéfica", acrescenta.

Em defesa de interesses prioritários dos dois países, o comunicado defende "garantias de segurança juridicamente vinculantes a longo prazo na Europa" — uma exigência russa ligada à Ucrânia — e diz que a Rússia considera "Taiwan uma parte inseparável da China".

O texto declara que os países formam uma aliança num nível sólido e inédito, mas toma o cuidado de dizer que esta aliança não visa alvos estrangeiros.

"As novas relações interestatais entre Rússia e China são superiores às alianças políticas e militares da época da Guerra Fria. A amizade entre os dois Estados não tem limites, não há áreas 'proibidas' de cooperação, o reforço da cooperação estratégica bilateral não visa países terceiros nem é afetado pela mudança do ambiente internacional e pelas mudanças circunstanciais em países terceiros", afirma o documento.

Este foi o 38º encontro entre Putin e Xi desde que se reuniram pela primeira vez em 2013, quando Xi assumiu a Presidência. Putin foi o pri-

meiro líder internacional a confirmar que comparceria à abertura dos Jogos de Inverno, sendo seguido por mais de 20. A presença desses líderes diminuiu o peso do boicote à Olimpíada pelos EUA e aliados como o Reino Unido, sob a alegação de violações de direitos humanos pela ditadura chinesa. Após o encontro, Putin seguiu para a cerimônia de abertura dos Jogos.

RÚSSIA AMPLIA VENDA DE GÁS

Em termos concretos, as partes anunciaram um contrato de 30 anos que aumentará o fornecimento de gás da Rússia para a China por meio de um novo gasoduto, que conectará a região do Extremo Oriente da Rússia ao Nordeste da China. O anúncio indica que a Rússia pode buscar outras parcerias comerciais caso sofra sanções econômicas dos EUA e da União Europeia.

A Rússia já é o terceiro maior fornecedor de gás para os chineses, por meio do gasoduto Força da Sibéria, inaugurado em 2019, e de remessas marítimas de gás liquefeito. Com o novo gasoduto, a estimativa anual de fornecimento em 2025 passa de 38 bilhões de

metros cúbicos a 48 bilhões.

A Gazprom deve começar a operar o novo gasoduto dentro de dois a três anos. Os pagamentos da obra devem ser liquidados em euros, o que evitará restrições a transações em dólar por parte do governo dos EUA, uma forma de pressão diplomática de Washington que há muito incomoda Moscou e Pequim.

No encontro, Putin disse a Xi que a relação entre China e Rússia havia "assumido um caráter verdadeiramente sem precedentes".

— É um exemplo de um relacionamento digno que ajuda cada um de nós a se desenvolver enquanto apoia o desenvolvimento do outro — disse Putin.

Além do comunicado conjunto, os dois países divulgaram notas independentes após o encontro. O Kremlin classificou o encontro como "muito caloroso, construtivo e substantivo", enquanto Xi disse estar pronto para "trabalhar com o presidente Putin para planejar e orientar o curso das relações sino-russas sob novas condições históricas", segundo a agência oficial Xinhua.

ANO CRUCIAL PARA CHINA

Nos dias anteriores à reunião, Pequim manifestou apoio às queixas de Putin contra os EUA e a Otan, e ficou do lado da Rússia em discussões no Conselho de Segurança da ONU. Moscou busca apoio após posicionar cem mil soldados perto de sua fronteira com a Ucrânia, o que levou os países ocidentais a alertarem para o risco de uma invasão — que o Kremlin nega pretender — e ameaçarem "graves consequências" em retaliação.

Embora não seja parte do conflito, o governo chinês viu na crise uma oportunidade para minar a influência de Washington, que mantém uma rivalidade estratégica com Pequim. Ao mesmo tempo, a China tem ressaltado que as disputas em torno da Ucrânia devem ser sanadas pacificamente. Analistas destacam que uma guerra não interessa à China, que enfrenta um ano crucial de reformas econômicas e no qual se realizará o 20º congresso do Partido Comunista, no qual Xi deverá ser escolhido para um terceiro mandato inédito na liderança chinesa desde os anos 1980.



Velhos conhecidos. Putin e Xi Jinping na visita do presidente russo a Pequim: os dois já se encontraram 38 vezes desde que o líder chinês chegou à Presidência, em 2013, e exibiram forte sintonia

Macron buscará em Moscou lugar para Europa em conversas sobre Ucrânia

> O presidente da França, Emmanuel Macron, vai se encontrar com seu colega russo, Vladimir Putin, em Moscou na segunda-feira em uma tentativa de garantir que a Europa tenha voz nas negociações mais amplas entre EUA e Rússia sobre a crise na fronteira da Ucrânia. Segundo uma autoridade da Presidência francesa, Macron tentará capitalizar o progresso alcançado durante as negociações do mês passado.

> Autoridades de França, Rússia e Ucrânia tiveram inúmeras con-

versas telefônicas nos últimos dez dias que culminaram, ontem, na confirmação da viagem de Macron a Moscou e a Kiev, a capital ucraniana, dias 7 e 8. Coordenada com os EUA e a Alemanha, a viagem faz parte dos esforços diplomáticos para acalmar as tensões depois que a Rússia posicionou cerca de 100 mil soldados perto da fronteira da Ucrânia e exigiu garantias de segurança tanto dos EUA quanto da Otan, incluindo a de que a Ucrânia nunca vai se tornar membro da aliança militar.

> Apesar de haver temores de uma eventual invasão russa à Ucrânia, Putin nega essa intenção. Uma fonte da Presidência francesa também disse que Macron tentaria convencer a Rússia a reduzir a quantidade de militares na região, como parte dos esforços para aliviar as tensões.

> Para Macron, será uma chance de mostrar suas credenciais de liderança antes de disputar sua reeleição em abril, enquanto também tenta obter concessões de Putin, especialmente nas negociações para acabar com a insurgência separatista

pró-Rússia no leste da Ucrânia. — Os russos deram sinais, então temos de aproveitá-los. De certa forma, estamos vendo se estão blefando — disse uma autoridade francesa. — Sobre a chance de obter algo, ninguém pode prever.

> Macron pretende capitalizar o progresso limitado alcançado nas negociações com o grupo de contato da Normandia — que envolve Rússia, França, Ucrânia e Alemanha — em Paris na semana passada. O presidente francês espera que Putin se comprometa

a continuar negociando, a realizar uma cúpula de líderes e a diminuir as tensões na fronteira entre a Rússia e a Ucrânia, segundo duas fontes próximas a Macron. O Kremlin deixou claro que a prioridade das negociações serão as demandas de Moscou por garantias de segurança.

> Os esforços de Macron para estabelecer um diálogo estratégico com Putin, no entanto, muitas vezes irritaram parceiros do Leste Europeu e do Báltico, que lamentaram a falta de transparência e coordenação.

Apoio da China à Rússia não é incondicional

Piora da relação com EUA acentuou parceria após anos de rivalidade, mas Pequim não está pronta a sacrificar outros interesses globais

MACARENA VIDAL LLY Do El País espanhol

Poucos líderes mundiais se reuniram tantas vezes como Xi Jinping e Vladimir Putin: 38. Mas, desde o encontro que ocorreu depois que a Rússia ocupou a Crimeia, há oito anos, nenhum causou tantas expectativas quanto o de ontem. A amizade cada vez mais intensa entre a China e a Rússia, depois de décadas de profunda desconfiança, beneficia ambos. Os dois percebem os Estados Unidos como um rival comum contra o qual se apoiam mutuamente.

"A declaração conjunta em Pequim leva a entente sino-russa ao nível de uma frente comum para responder à pressão dos EUA contra a Rússia e a China na Europa, na Ásia e globalmente. Uma evolução importante de uma relação já muito próxima", escreveu no Twitter Dmitri Trenin, do Centro Carnegie em Moscou.

A reunião de ontem teve semelhanças com a de 2014. Na

época, a Rússia estava contra as cordas. Sua economia sofria por causa das sanções ocidentais. A assinatura de um acordo de US\$ 400 bilhões para o fornecimento de gás natural à China funcionou então como uma tábua de salvação: não apenas Moscou encontrava uma nova fonte de receita como também enviava a mensagem de que não estava isolada.

MAIS LONGE QUE ANTES

Aquele acordo marcou o aprofundamento de uma relação que, convertida em aliança informal, se fortalece em várias áreas. A China representa 20% do comércio russo, contra 10% em 2014. Os dois países fazem manobras militares conjuntas, e assinaram um memorando para construir juntos uma base na Lua.

Como em 2014, a Ucrânia volta a ser o pano de fundo. O Ocidente tenta afastar o fantasma de uma invasão russa.

E a China, agora consolidada como potencial mundial, volta a se perfilar como amiga de Moscou.

Pequim já dera um passo além nessa aproximação na semana passada, quando, em conversa com o chefe da diplomacia americana, Anthony Blinken, o chanceler chinês, Wang Yi, apoiou a posição russa na Ucrânia e no Leste europeu, onde Moscou reclama da expansão da Otan. Wang disse então que "as preocupações razoáveis da Rússia devem ser levadas em conta" e que "não se pode garantir a segurança regional sobre a base da expansão de um bloco militar".

Essa declaração foi mais longe do que as que Pequim formulou sobre outras intervenções da Rússia, disse Evan Feigenbaum, do Fundo Carnegie para a Paz Internacional, de Washington. Antes da ocupação da Crimeia, que a China nunca reconheceu, Moscou

não se alinhou com o Kremlin quando este enviou forças para a Geórgia para apoiar a secessão da região da Abcásia, exatamente nos Jogos Olímpicos de 2008. Desde então, porém, a relação entre China e EUA se deteriorou, e a Rússia ganhou valor como sócia. Segundo disse Feigenbaum, "entre a coerência de princípios e a realidade geopolítica, o governo chinês optou pela realidade geopolítica".

As duas economias são complementares. A China pode prover a Rússia de infraestrutura e alta tecnologia, e Moscou fornece armamentos, produtos agrícolas e gás e petróleo. Os dois países resolveram suas disputas de fronteira, a maior do mundo, com 4 mil quilômetros, com um acordo que lhes permitiu realocar fundos e soldados. Segundo Alexander Gabuev, do Centro Carnegie de Moscou, a concentração de tropas russas na

fronteira da Ucrânia "é consequência indireta do acordo fronteiriço com Moscou".

LIMITES DE UMA ALIANÇA

Mas essa proximidade tem limites. Em Moscou, persiste certa suspeita do vizinho mais poderoso: a relação é "assimétrica", e o sentimento é que a Rússia precisa mais da China do que vice-versa, diz Gabuev.

—A China é muito pragmática e tem muita capacidade de pressão — afirma ele.

Apesar de contemporizar, a China vê com ceticismo as intervenções da Rússia em apoio a movimentos separatistas, diante do temor de incentivar reclamações nesse sentido no seu próprio território. Nenhum dos dois lados teve interesse em formalizar sua aliança com um tratado.

É difícil que o apoio chinês às ações da Rússia na Ucrânia vá mais longe que as declarações. Pequim mantém boas rela-

ções com Kiev, uma peça importante de sua rede mundial de infraestrutura, a Iniciativa Cinturão e Rota. A Ucrânia, além disso, é um importante sócio comercial: seu intercâmbio de produtos agrícolas cresceu 33% em 2021.

A China, sobretudo, não deseja um conflito em que tenha que escolher entre o apoio a seu aliado e o cumprimento do que seriam duras sanções internacionais no caso de uma invasão da Ucrânia. Nem se ariscaria a se ver em confronto com a União Europeia, seu segundo parceiro comercial.

Na conversa com Blinken, Wang pontuou que deseja uma solução da crise pela via diplomática. "A China apoiará qualquer esforço que se alinhe com a direção e o espírito" dos Acordos de Minsk, declarou em referência ao cessar-fogo entre Rússia e Ucrânia firmado em 2015, com França e Alemanha como mediadores.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 20 e 21